

Atuação de Fonda é o forte de 'O Ouro de Ulysses'

Aos 59 anos, num filme sobre as pequenas vidas destruídas pelo tempo, o ator chega a lembrar o pai nos gestos, no jeito de andar e falar, numa interpretação que lhe valeu uma indicação para o Oscar

LUIZ CARLOS MERTEN

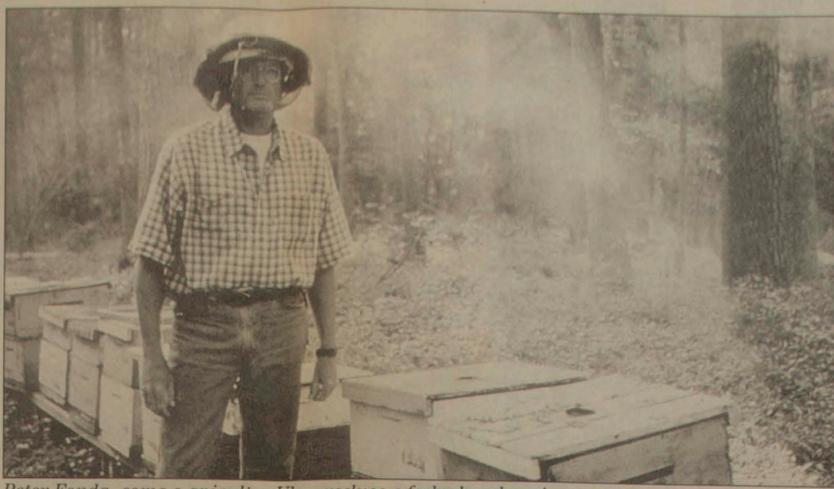
Peter Fonda amargou sempre a condição de ser o elo fraco do clã Fonda. Foi sempre ofuscado pelo pai, Henry, e pela irmã, Jane. Peter só brilhou quando produziu e interpretou *Sem Destino*, o filme de Dennis Hopper que virou uma das obras emblemáticas da contracultura no fim dos anos 60. O antigo motoqueiro virou avô. É o protagonista de *O Ouro de Ulysses*, que estreia hoje. A interpretação de Peter Fonda é maravilhosa. Justifica plenamente o preço do ingresso.

Ele chegou a ser indicado para o Oscar pelo papel. Perdeu para o Jack Nicholson de *Melhor e Impossível*. Não importa. Há momentos em que Peter parece encarnar o espírito

de seu pai, um dos maiores atores da história de Hollywood. O jeito de andar, de falar, certos gestos — tudo lembra o velho Henry Fonda. Não tiveram uma convivência pacífica. Peter é o primeiro a admitir que só se reconciliou com o pai quando ele já estava no seu leito de morte.

É um filme de Victor Nunez, diretor independente que gosta de explorar com sua câmera a paisagem da Flórida, onde vive. Começa com a câmera colocada dentro de um pântano. Ela descreve um movimento, passando pelos destroços de um velho carro abandonado até chegar ao protagonista, Ulee (Fonda). Mais tarde, esse carro terá importância na trama, mas nesse começo o objetivo é mais geral. Nunez quer ambientar o espectador. É

como se ele estivesse querendo dizer que *O Ouro de Ulysses* é um filme sobre as pequenas vidas destruídas pelo tempo, sobre os tempos mortos. Ulee é apicultor. Cuida das uvas



Peter Fonda, como o apicultor Ulee, recluso e fechado sobre si mesmo: interpretação notável

tem uma fortuna escondida. Por um momento, o drama intimista parece que vai virar relato de ação. Não chega a tanto, apenas o suficiente para que Ulee se abra para o mundo e os outros, antevendo, quem sabe, até uma possibilidade de amor. Como diz a chamada publicitária no cartaz, Ulee só tem uma maneira de salvar-se — recuperando o que restou de sua família.

Como filme, *O Ouro de Ulysses* talvez não valha grande coisa. Mas é honesto, sincero, por mais facilidades com que seja recheada sua dramaturgia. Grande, só Peter Fonda. Demorou, mas ele chegou, enfim, ao nível de excelência do pai e da irmã. Aos 59 anos, prestes a completar 60, pode-se dizer que ele se converteu, finalmente, num verdadeiro ator.



Crítica

Curta persegue as sutilezas de Bertolucci Baby do Brasil canta com a Jazz Sinfônica

'Pobres por Um Dia', de André Ristum, é um dos destaques do festival que ocupa cinco salas em SP

Bernardo Bertolucci gostou. Há dois anos, André Ristum deu uma entrevista ao *Estado* anunciando a realização de um curta. Ristum foi assistente pessoal de Bertolucci durante a rodagem de *Beleza Roubada*. Fez *Pobres por Um Dia*, procurando captar alguma coisa das sutilezas do mestre italiano. "Ninguém passa impunemente pelo set de *Beleza Roubada*", diz Ristum. Seu filme acaba de ser selecionado para a 25ª Jornada de Cinema da Bahia, em setembro. Antes disso, será uma das atrações do 9.º Festival Internacional de Curtas de São Paulo, no domingo.

Ristum rodou o filme em outubro do ano passado. Finalizou-o em abril deste ano, em Roma. Aproveitou para mostrar o curta para Bertolucci. Ele fez alguns reparos: achou que Ristum deveria terido mais fundo na história. Mas Bertolucci gostou, destacando a languidez do relato, uma certa sensualidade que permeia toda a narrativa e tem muito a ver com ele mesmo. Ótimo para Ristum, que agora tem um problema para resolver. Embora inscrito (e aprovado) na Lei do Audiovi-



Milla Christie e Nico Puig: a moça bóia-fria cai nas cantadas do agrobóio dissimulado

sual, não conseguiu levantar os R\$ 85 mil da produção. O diretor espera captar o dinheiro com o curta já pronto.

Os pobres por um dia são agrobóios do interior de São Paulo. Vivem na farrá. Planejam uma festa, durante a qual vão vestir-se como pobres. Um deles é Nico Puig. Surge a personagem de Milla Christie. É bóia-fria, trabalhando duro no campo. Por acaso, consegue um convite para a festa. Milla vai e termina nos braços de Nico.

Pobres por um dia, mas não Cinderela por uma noite. O curta não termina sem uma citação explícita a uma das cenas mais famosas de *Os Boas Vidas*, de Federico Fellini, quando os vitelloni debocham dos trabalhadores. Ristum filma com capricho. Esse curta é o seu portfólio, para mostrar que

ele tem condições de partir para o longa. (L.C.M.)

SERVIÇO
9.º Festival Internacional de Curtas-Metragens. Exibição de *Pobres por Um Dia*, de André Ristum, às 18 horas, no programa Panorama Brasil 4. Centro Cultural São Paulo - Sala Lima Barreto. Rua Vergueiro, 1.000. Tel. 277-3611. Veja a programação completa do festival no GUIA. Até 29/8. Patrocínio: Enterpa Ambiental. Co-patrocínio: Secretaria para o Desenvolvimento Audiovisual/MinC, Secretaria de Estado da Cultura e Secretaria Municipal de Cultura

Música Nova homenageia Stockhausen

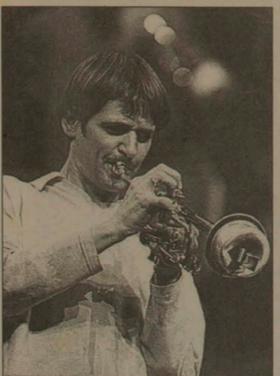
Festival apresenta concerto com o filho do compositor no dia de seu aniversário de 70 anos

CARLOS HAAG

O 34.º Festival de Música Nova homenageia neste fim de semana (no sábado) os 70 anos do compositor alemão Karlheinz Stockhausen no dia exato de seu aniversário e com a presença de seu filho, o trompetista Markus Stockhausen, que vai abrir mão de cantar o parabéns para você para o pai e tocar para São Paulo, ao lado do Ensemble für Intuitive Musik (Grupo de Música Intuitiva), de Weimar. E não é só: a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, regida por John Neschling e com o clarinetista Michel Portal, faz estréias mundiais de várias aberturas de óperas, de Alexandre Levy, Gilberto Mendes e Jorge Antunes.

Hoje, no Itaú Cultural, apresentase o Grupo Música Nova do Rio. Criado em 1989, é responsável por um notável trabalho de divulgação da música contemporânea brasileira. E, no domingo, duas boas atrações: a pianista Beatriz Roman toca com o violonista Michael Calvert, e, no Itaú Cultural, o sensacional Quarteto Amazônica interpreta obras de Edino Krieger e de Heitor Villa-Lobos.

Stockhausen — Mas, sem dúvida, o grande destaque fica mesmo por conta do concerto de aniversário de Stockhausen. Um dos maiores compositores vivos, tão talentoso quanto polêmico, nasceu em Colônia, onde estudou na Escola Superior de Música.



Markus Stockhausen: trompete

Já passou pela composição serial, a música eletrônica, pelos microintervalos, pelo misticismo oriental e, ultimamente, está cada vez mais "inclassificável" (ainda bem), compoendo obras de dimensões gigantescas para serem encenadas ao ar livre com efeitos os mais espetaculares. A sua última criação inclui até mesmo quatro helicópteros, transportando membros de um quarteto de cordas.

No concerto de Markus Stockhausen e do Ensemble für Musik Intuitive, serão apresentadas: *Eingang und Formel*, para trompete solo; *Treffpunkt*, do ciclo *Aus Sieben Tagen*; *Pietà*, para flügelhorn e fita; *Innerhalb, Obertippentanz*; e *Wach*, do ciclo *Für Kommende Zeiten*. O Ensemble foi fundado em 1980 e, desde então, tem feito uma colaboração intensiva com Stockhausen, em boa parte, por causa de seu instrumental que reúne computadores, samplers,

etc, em suma tudo o que a música do mestre de Colônia pede para virar os ouvidos de ponta-cabeça.

Fellini — Arranje, no entanto, tempo para assistir à Orquestra Sinfônica do Estado, cujos concertos têm sido, em geral, imperdíveis pela qualidade e pelo repertório. Esse não foge à regra com as aberturas inéditas das óperas: *Werther*, de Alexandre Levy; *Issa*, de Gilberto Mendes; e de *Olga*, de Jorge Antunes. Ainda no programa, o *Concerto para Clarinete*, de Aaron Copland; a suíte do balé *La Strada*, de Nino Rota (o compositor favorito dos filmes de Fellini); e a *Tocata*, da *Bachianas Brasileiras n.º 2*, de Heitor Villa-Lobos.

Tanto *Issa* como *Olga* foram compostas nos anos 90 e calam as críticas daqueles que insistem na tese de que a música contemporânea brasileira nunca tem menos de 20 anos. *Issa*, com libreto de Décio Pignatari, trata da vida de um poeta japonês e reflete a fase atual de seu autor, Gilberto Mendes (o criador, aliás, do Festival de Música Nova). Já *Olga* (completada no ano passado) fala de um episódio na vida de Olga Benário Prestes (tema do livro de Fernando Morais), a mulher de Prestes.

SERVIÇO
34.º Festival Música Nova — Hoje, às 21 horas, Grupo Música Nova. Amanhã, às 21 horas, Concerto de Aniversário Karlheinz Stockhausen com Markus Stockhausen & Ensemble für Intuitive Musik. Domingo, às 16h30, Beatriz Roman e Michael Calvert; às 19 horas, Quarteto Amazônia. Retirar ingressos com uma hora de antecedência. Itaú Cultural - Sala Azul. Avenida Paulista, 149. 238-1700. Até 30/8

A cantora interpreta clássicos da MPB em duas apresentações, amanhã e domingo, na cidade

TOM CARDOSO
Especial para o Estado

Baby do Brasil é a convidada da Orquestra Jazz Sinfônica do Estado para duas apresentações em São Paulo — amanhã, no Memorial da América Latina, e no domingo, no Sesc Itaquera. No espetáculo, a cantora de Niterói contará com um time respaldado de arranjadores, que inclui Nelson Ayres, Cyro Pereira, Ruriá Duprat, Edson José Alves, Theo de Barros e Naylor de Azevedo.

Não será a primeira vez que a Jazz Sinfônica acompanha um artista de MPB — músicos como Milton Nascimento, Tom Jobim, Edu Lobo e Gal Costa já subiram ao palco regidos por Nelson Ayres e Cyro Pereira.

O show será dividido em duas partes. Na primeira, a Jazz Sinfônica toca



Baby: músicas do CD 'Acústico'

sozinha clássicos de compositores brasileiros, como *Ingênuo*, de Pixinguinha. O destaque será o arranjo inédito para a canção *Vera Cruz*, de Milton Nascimento, feito por Cyro Pereira. A seguir, Baby dá uma nova energia para o show, acompanhada de Nelson Faria (violão), Gastão Villero (baixo) e Xande Figueroa (bateria). Vi-

vendo uma boa fase na carreira (é a grande sensação das apresentações dos Novos Baianos), a cantora dará prioridade para o repertório do álbum *Acústico*, lançado no ano passado.

Sampa (Caetano Veloso), que está no disco, terá um novo arranjo, elaborado por Anderson Vianna. Outras, como *Super Homem* (Gilberto Gil) e *Estação Derradeira* (Chico Buarque) também ganharam novas releituras. Imperdível mesmo é vê-la cantar *Brasileirinho*, de Waldir Azevedo.

SERVIÇO
Baby do Brasil e Jazz Sinfônica do Estado. Amanhã, a partir das 20 horas. Memorial da América Latina. Avenida Auro Soares de Moura Andrade, 664, tel. 3823-9721. Entrada franca. Domingo, a partir das 15 horas. Sesc Itaquera. Avenida Projetada, 1.000, tel. 6944-7222. Ingressos R\$ 5,00 e 0,50 (comerciários)

Dante Pignatari resume a modernidade

No CD 'Poesia Paulista', que será lançado hoje, o pianista grava peças de autores contemporâneos

ANTONIO GONCALVES FILHO

Reunião de 12 poetas contemporâneos num CD com três compositores e cinco músicos de formação erudita parece um produto típico de países com tradição na área. No entanto, trata-se de um CD brasileiro, *Poesia Paulista/12 Canções*, projeto do pianista Dante Pignatari que será lançado hoje, às 21 horas, num concerto com a participação do tecladista e idealizador do disco, do soprano Kátia Guedes e dos instrumentistas Luís Nivaldo Orsi (clarinete), Laércio Sinhorelli (violino) e Ana Maria Chamorro (violoncelo).

Cada um dos três compositores escolhidos para o projeto (Achille Picchi, Eduardo Guimarães Alves, José Augusto Mannis) selecionou uma lis-



Capa do disco: tela de Fiamminghi

ta de poetas de quatro diferentes gerações, dos modernistas (Luís Aranha, Mário e Oswald de Andrade) aos pós-concretos (Arnaldo Antunes, Nelson Ascher, Régis Bonvicino), passando pelos poetas de 45 (Geraldo Vidal, Mário da Silva Brito, Afrânio Zuccolotto) e os concretos (Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari).

Muitos nomes ficaram de fora do disco, parcialmente financiado com

recursos da Secretaria de Estado da Cultura. "Só para lembrar um de meus poetas preferidos, a ausência de José Paulo Paes é lastimável, mas tenho outro projeto para ele", revela Dante Pignatari, que já prepara um novo CD sobre a história da canção de câmara.

Num procedimento análogo, o disco com as 12 canções de poetas brasileiros é quase um resumo didático da evolução do modernismo visto por compositores contemporâneos. Pignatari garante que não interferiu na escolha dos poemas. "Muitos nomes que andavam sumidos, como Mário da Silva Brito, permitiram aos músicos recuperar a tradição de escrever peças sobre poemas alheios."

SERVIÇO
Poesia Paulista/12 Canções. Hoje, às 21 horas, no Sesc Itaquera (Rua Bom Pastor, 822, 3340-2000). Ingressos: R\$ 10,00 e R\$ 5,00 (comerciários e estudantes)

Três virtuosos do violão na Vila Mariana

O francês Roger Eon e os brasileiros Paulo Bellinati e Edelson Gloeden tocam no Sesc

MAURO DIAS

O violonista francês Roger Eon, autoridade internacional em música ibérica e ibero-americana, divide o palco do Sesc Vila Mariana, hoje, às 20h30, com os companheiros de instrumento brasileiros, Paulo Bellinati e Edelson Gloeden. Antes, às 17 horas, Eon estará à frente de uma oficina, também no Sesc Vila Mariana, e domingo, com entrada franca, no mesmo local, o trio fará palestra sobre música para violão.

O espetáculo de hoje consta de três concertos. Na abertura, Edelson Gloeden tocará Francisco Migonone (*Valsa n.º 8, Estudo n.º 1*), Cláudio Santoro (*Prelúdio n.º 1*), Edino Krieger (*Ritmata*) e Villa-Lobos



Roger Eon: pronúncia límpida

(*Prelúdios n.º 3 e 10*). Na seqüência, Paulo Bellinati executará obras próprias em ritmos diversos — *Um Amor de Valsa*, *Choro Sapeca*, o xaxado *Emboscada*, o maracatu *Embaixador* — e alheias, como a valsa *Beatriz*, de Edu Lobo e Chico Buarque, e o choro *Jorge do Fusa*, de Garoto.

Com seu estilo vívido e impecável pronúncia, Roger Eon mostrará três peças do compositor contemporâneo japonês Takashi Ogawa (nascido em 1958): duas partes da obra *Chansons e Danses* (uma homenagem ao autor espanhol Antonio Ruiz-Pipo) e *Memoires d'Iroshima*, sombria memória musical do dramático episódio bélico. Na segunda parte de seu recital, Eon visitará mestres que fizeram a história do violão do século (*Invocation e Danse*, de Joaquim Rodrigo, *Veneciana, Cubana, Barcarolle*, de Emílio Pujol, *Saudade n.º 3*, de Roland Dyens) e homenageará Bellinati, voltando ao *Choro Sapeca*.

SERVIÇO
Concertos dos violonistas Roger Eon, Paulo Bellinati e Edelson Gloeden — Hoje, às 20h30. Grátis. Sesc Vila Mariana. Rua Pelotas, 141, tel. 5080-3000